



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte  
e Nordeste de Estudos e Pesquisas  
sobre Mulher e Relações de Gênero

## RESSIGNIFICAÇÕES DA ESTÉTICA DA MULHER NEGRA NA PRODUÇÃO FÍLMICA CONTEMPORÂNEA

Sandra Santana da Costa

*Universidade Federal da Bahia*

**Resumo:** Este trabalho pretende levantar discursões em torno das performances, rupturas de representações e re(a)apresentações da figura da mulher negra frente às angústias e afetos no processo de reconhecimento de sua negritude a partir da sua estética. Para isso, será utilizado como material de análise produções fílmicas do contemporâneo cinema negro realizado por mulheres. Provocado por diálogos teórico-metodológicos em par com os discursos pós-estruturalistas, pós-coloniais e decoloniais - onde as sujeitas subalternizadas são indivíduos que se movimentam e impulsionam outras narrativas - pretende-se pensar a construção de um cinema negro que rompa estruturas solidificadas por modelos e aspectos cristalizados, diante da aventura colonial, que recebe e/ou rejeita o desenho mundializado desses comportamentos e histórias, trazendo à baila a pluralidade das identidades e representações da mulher negra como forma de fazer o projeto colonial sucumbir frente às vozes subalternizadas.

Palavras-chave: Mulheres negras, cineastas, cinema negro.

### Introdução

Pensar a condição da pessoa negra nas produções fílmicas, em especial, da mulher negra - tendo em vista a constituição dos processos relacionados a estima de sua estética, é que nos move nesse artigo. Com isso, nos interessa refletir as personagens que antes passivas aos olhos das realizações hegemônicas - ancoradas numa ideia de diferença criada no processo da aventura colonial, cujas representações remetem a um sujeito-negro inferiorizado – agora, servirão como mote para questionar a hipervalorização do modelo de humanidade relegado, apenas, àquilo que remete aos aspectos da branquitude.

Nesse sentido, o trabalho busca, por meio da análise de algumas cenas do filme *Kbela*, pontuar e criticar a constituição estética branco-centrica que instrumentalizada pela sua ótica supremacista, não poupou humilhações às mulheres negras desde o tráfico negreiro até os dias atuais. Por esse motivo, também, o artigo em questão tenta cumprir e comprometer-se politicamente com essa causa que é uma frente no combate às práticas racistas.

Nossa análise, em par com o curta-metragem em questão, tem como direcionamento partir dos diálogos teórico-metodológicos dos estudos decoloniais, repensando, assim, o modelo imposto pelo



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

discurso dominante, através da ressignificação das representações e imagens das personagens do filme.

### Reflexões iniciais

A conquista e o apogeu dos impérios europeus, ao longo século XVI, representou não apenas a criação de uma economia mundial, mas a emergência do primeiro grande discurso do mundo moderno que inventou e, ao mesmo tempo, subalternizou populações indígenas, povos africanos, muçulmanos e judeus (GROSGUÉL, 2016).

Com o colonialismo, a Europa inventou modelos de Estado, propriedade privada, família, classificação racial, estratificação social, superioridade cultural e dominação religiosa. O empenho dispensado às práticas de subalternização e de hierarquização das subjetividades de algumas populações, assim como a violência contra “o outro”, passam a ser legitimadas no processo de colonialidade<sup>1</sup> que, por sua vez, emerge no

---

<sup>1</sup> Colonialidade é um conceito diferente, ainda que vinculado a Colonialismo. Este último refere-se estritamente a uma estrutura de dominação/exploração onde o controle da autoridade política, dos recursos de produção e do trabalho de uma população determinada domina outra de diferente identidade e cujas sedes centrais estão, além disso, localizadas noutra jurisdição territorial. Enquanto a Colonialidade tem vindo a provar, nos últimos 500 anos, ser mais profunda e duradoura que o colonialismo. Mas foi, sem dúvida, engendrada dentro daquele e, mais ainda, sem ele não

contexto do colonialismo europeu. De acordo com Grosfoguel e Costa:

O primeiro grande discurso que inventa, classifica e subalterniza o outro é também a primeira fronteira do nascente sistema mundo moderno/colonial. Do ponto de vista político-filosófico essa fronteira é estabelecida pelo princípio da “pureza de sangue” na península ibérica – que estabeleceu classificações e hierarquizações entre cristãos, mouros e judeus – e pelos debates teológicos da Escola de Salamanca em torno dos “direitos dos povos”, que definiu a posição de indígenas e africanos na escala humana (Dussel, 1994). Esse primeiro grande discurso que impôs as primeiras diferenças coloniais no sistema mundo moderno/colonial passa, posteriormente, por sucessivas transformações, tais como o racismo científico do século XIX, a invenção do oriental, a atual islamofobia etc. (GROSGUÉL; COSTA, 2016, p.18).

No entanto, é importante dizer que os efeitos dessa colonialidade, citada anteriormente, não se limitaram àquele período histórico de domínio imperial, cujas as marcas e consequências falam através das subordinações que desde então foram e estão sendo relegadas ao conhecimento epistêmico, bem como suas práticas racistas, no Ocidente, frente às populações terceiro mundistas.

A partir dessa perspectiva, tornou-se evidente a centralidade do conceito de *colonialidade do poder*, que de acordo com os estudos decoloniais é entendido como a ideia de que a raça e o racismo se constituem como

---

poderia ser imposta na intersubjectividade do mundo tão enraizado e prolongado (QUIJANO, 2007, p.73).



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

princípios organizadores da acumulação de capital em escala mundial e das relações de poder do sistema-mundo. Assim, dentro desse novo sistema-mundo, a diferença entre conquistadores e conquistados foi codificada a partir da ideia de raça (Wallerstein 1983; Quijano, 2005). Esse padrão de poder não se restringiu ao controle do trabalho, mas envolveu também o controle do Estado e de suas instituições, bem como a produção do conhecimento.

O fluxo e o contra-fluxo do desaprender para reaprender, torna-se uma estratégia árdua de luta no processo de descolonizar o pensamento, e, ao apontar a construção de novas epistemologias e rupturas com os paradigmas europeus de racionalidade e conhecimento, o pensamento decolonial questiona os prejuízos humanos provocados pelo tipo de exploração promovida pela Europa durante o colonialismo, ao passo que remetem às suas consequências de longa duração à manutenção e perpetuação das desigualdades, agindo assim, na valorização de saberes não hegemônicos que provêm dos países subalternizados, de forma a promover fortes críticas às narrativas eurocêntricas que se perpetuam como modelo civilizatório universal, no tocante à racionalidade e ao conhecimento produzidos além desses limites.

De acordo com Costa (2014), a abordagem decolonial enfatiza a continuidade

das relações coloniais de poder (colonialidade do poder) através das categorias de gênero, raça e classe. A decolonialidade busca em seu projeto um desligamento das epistemologias eurocêntricas ao salientar a importância dos diferentes saberes produzidos em diversos contextos geopolíticos, questionando assim, cânones e métodos tidos como autorizados.

Se a estrutura criada pela modernidade constitui um projeto de dominação – cultural, material e espiritual - com ditames de um modelo comportamental hegemônico a ser seguido, o horizonte decolonial na contramão de tudo isso - partindo das epistemologias geopolíticas e biográficas/corpo-políticas - privilegia o saber/pensamento fronteiriço, de modo que as populações marginalizadas sejam consideradas enquanto sujeitas de suas próprias narrativas. Em outras palavras:

O pensamento fronteiriço, desde a perspectiva da subalternidade colonial, é um pensamento que não pode ignorar o pensamento da modernidade, mas que não pode tampouco subjugar-se a ele, ainda que tal pensamento moderno seja de esquerda ou progressista. O pensamento fronteiriço é o pensamento que afirma o espaço de onde o pensamento foi negado pelo pensamento da modernidade. (MIGNOLO, 2003, p. 52).

Dentro desse contexto, do saber fronteiriço<sup>2</sup>, surge “o outro” diferente da

---

<sup>2</sup> Para o teórico Ramón Grosfoguel o pensamento de fronteira corresponde a uma resposta epistêmica dos subalternos ao projeto eurocêntrico da modernidade. Na perspectiva decolonial, as fronteiras são espaços onde as diferenças são reinventadas a partir das



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

lógica moderna de organização social e do imaginário dominante que definia apenas a exploração colonial enquanto ação validada. E foi sobre esse “outro” não-branco – acusado de não possuir escrita, história, ciência, memória e moral –, que se abateu o “mito da modernidade”, em que a civilização moderna, amparada pela crença naquilo que apontamos como *colonialidade do poder*, se autodeclarou enquanto grupo mais desenvolvido, e, por isso, com obrigação de desenvolver os primitivos e atrasados, cabendo aos brancos, dentro desse imaginário de dominação, o lugar de sociedade superior (Dussel, 2005; Grosfoguel, 2016).

No entanto, a narrativa do Ocidente não se limita a enredos históricos de dominações passivas, apesar da presença e implementação de um *sistema-mundo* capitalista colonial (CASTRO-GÓMEZ; GROSGOQUEL, 2007), que pressupunha estar apto a realizar sua missão civilizatória, diante de populações que acreditavam ser pouco desenvolvidas. O pensamento decolonial, nesse aspecto, tem surgido nos espaços de fronteira, geralmente, como um lugar marcado por contradições econômicas e políticas, por sua vez, geradas diante das

---

perspectivas e experiências dos sujeitos subalternos, tornando implícito a conexão entre o lugar e o pensamento. O que é decisivo para se pensar a partir da perspectiva subalterna é o compromisso ético-político em elaborar um conhecimento contra-hegemonico (Grosfoguel).

desigualdades sociais, impostas pelo colonialismo e mantidas no capitalismo. De acordo com Grosfoguel e Costa:

Na perspectiva do projeto decolonial, as fronteiras não são somente este espaço onde as diferenças são reinventadas, são também *loci* enunciativos de onde são formulados conhecimentos a partir das perspectivas, cosmovisões ou experiências dos sujeitos subalternos. O que está implícito nessa afirmação é uma conexão entre o lugar e o pensamento. Todavia, é preciso distinguir o lugar epistêmico e o lugar social. O fato de alguém se situar socialmente no lado oprimido das relações de poder não significa automaticamente que pense epistemicamente a partir do lugar epistêmico subalterno. Justamente, o êxito do sistema-mundo moderno/colonial reside em levar os sujeitos socialmente situados no lado oprimido da diferença colonial a pensarem epistemicamente como aqueles que se encontram em posições dominantes. Em outras palavras, o que é decisivo para se pensar a partir da perspectiva subalterna é o compromisso ético-político em elaborar um conhecimento contra-hegemônico (GROSGOQUEL; COSTA 2016, p.18).

Se o sistema-mundo moderno/colonial representa uma tentativa de dominação epistêmica, bem engendrada, em contrapartida, a decolonialidade insiste na necessidade de uma virada epistemológica radical nos atuais modelos de se fazer política e de se produzir conhecimento.

Como destaca Mignolo (2017), a decolonialidade requer desobediência epistêmica, porque o pensamento fronteiriço é por definição pensar na exterioridade, nos espaços e tempos que a auto narrativa da



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

modernidade inventou como seu exterior para legitimar a própria lógica de colonialidade (MINOLO, 2017, p.30).

Dentro desse horizonte, o lugar epistêmico do negro na sociedade foi, e ainda é, fixado e sufocado tanto à esteriotipação quanto à essencialização de identidades, num processo de hierarquização racial das culturas, onde “o outro” é destituído de vontade, subjetividade e voz (hooks,1995). Compartilhando dessa mesma perspectiva, pesquisadores e intelectuais negros como Frantz Fanon, Lelia Gonzales, Sueli Carneiro, Angela Davis, bell hooks, para citar alguns nomes, convencidos de que é preciso romper com a colonialidade e dominação, desenvolveram importantes trabalhos sobre a necessidade de se desfazer do vínculo com a modernidade do saber.

Diante desses debates e dos caminhos oportunizados frente às concepções, estudos e análises daquilo que se convencionou chamar “pensamento decolonial”, faremos, em seguida, uma breve incursão em algumas performances da filmografia *Kbela*, sua temática direcionada a demandas e pautas referentes à vivência das mulheres negras, que, nesse sentido, dialoga com a mesma concepção de ruptura contra-hegemônica dos estudos da decolonialidade.

### **Kbela: ressignificações e re(a)presentações**

Alice Walker no texto “Prisões da Imagem”, faz um alerta tanto para a importância das contribuições das análises de estereótipos, na constituição de determinadas personagens no âmbito do cinema, como também para a perigosa trama existente nos processos psíquicos de internalização, junto à representações de cunho negativo, referentes a alguns grupos, e de que forma isso pode atuar, sendo antes de um problema de percepção o que se conhece como “controle social” vinculado através daquilo que denomina “prisões da imagem” (STAM, 2013).

Dessa forma, pensando modos de debater os desdobramentos que pesam sobre a psiquê de grupos que se vêm estigmatizados - por conta de representações que sufocam suas subjetividades e apontam arquétipos negativos trabalhados de forma sorrateira nas mensagens passadas - através de construções problemáticas de personagens e das imagens que carregam “uma discussão mais matizada da questão racial no cinema deveria enfatizar o jogo de vozes, dos discursos e das perspectivas, incluindo aqueles operantes no interior da própria imagem.” (Stam, 2013, p.306)

Segundo Robert Stam (2013) o cinema é representação e é também enunciado, uma troca entre interlocutores, permeada por uma infinidade de vozes, cujas expectativas, diálogos e respostas estão muito bem





## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

localizadas dentro de um contexto socialmente demarcado. Para o teórico:

Não basta dizer que a arte é construída. Temos de perguntar: construída para quem e em conjunção com quais ideologias e discursos? Nesse sentido, a arte é uma representação não tanto em sentido mimético quanto político, de delegação da voz”. (STAM, 2013, p.305).

As ressignificações e re(a)apresentações nas obras filmicas produzidas por cineastas negras, no audiovisual brasileiro contemporâneo, são exemplos da dimensão política e contraposição ao histórico de estereótipos que deram vida às representações das populações negras ao longo da história do cinema.

A produção cinematográfica *Kbela*, assinada pela roteirista e diretora Yasmin Thayná, teve sua estreia em setembro de 2015. O curta-metragem narra as várias construções identitárias de mulheres negras em meio as interferências modeladoras dos arquétipos racistas no cotidiano de suas vidas. Nesse contexto, é inserido, também, o debate a respeito da transição capilar dessas mulheres, suas ações e reações perante o fenômeno, bem como o contato dessas sujeitas com as descobertas identitárias no processo de entendimento e tomada para si de suas próprias negritudes como parte integrante de seu empoderamento intelectual e estético.

A esse respeito, para Janaína Oliveira, o filme apresenta:

(...) um começo solitário e de muito sofrimento, no qual, presa aos padrões da sociedade que lhe nega o direito à naturalidade e à beleza, a mulher negra faz de tudo para atingir a falsa porta de entrada para a inclusão nos parâmetros sociais, o alisamento dos cabelos crespos. Nesta parte, a público testemunha dimensões de autoflagelo e desespero pelos quais passam as mulheres negras, cujo exemplo maior está no momento em que ocorre aplicação de uma quantidade imensa de produtos diversos, de azeite e vinagre a potes e mais potes de cremes, em uma cabeça que se encontra separada do corpo. Essa solidão aparece também representada em outras sequências desse início marcado pelo sofrimento, fruto da introjeção de padrões hegemônicos. (OLIVEIRA, 2016, p. 8)

A filmografia é marcada pela exibição de performances onde atuam mais de 20 jovens atrizes negras, com um total de 50 pessoas na equipe. *Kbela*, é, além de uma reflexão a respeito da negritude enquanto elemento liberador e libertador para a mulher negra - no trânsito de seu corpo e estética – um grito constituído por muitas vozes, ecos em meio a uma sociedade cujo modelo de beleza e aceitação tem padrão específico – onde as sujeitas se percebem imersas num mundo brancocentrico em que o “preto é um objeto *fobógeno* e *ansiógeno*” (FANON, 2008).

Como podemos assimilar a estética negra desperta medo e ansiedade, e, em especial à temática abordada no filme, isso se



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

dá junto aos aspectos que envolvem a condição natural, neste caso, do cabelo não-liso da mulher negra em relação aos indivíduos que tendem a ocupar lugares confortáveis, no tocante à garantia de seus rostos e corpos como legitimados à semelhança e imagem do que é tido como representação ideal de humanidade e beleza.

Podemos afirmar, ainda, diante das performances do curta *kbela*, o quanto essa tomada de consciência da mulher negra, em par com suas particularidades estéticas, dialoga consigo mesma, sendo a aceitação de si um instrumento afetivo de autodescoberta, ao mesmo tempo que atua como ferramenta bélica no enfrentamento e combate ao racismo e àqueles que ameaçam a constituição de identidades diversas para além dos modelos pré-fabricados e colonizadores, cujo objetivo é primar por indivíduos que disponham de uma plástica nada além de embranquecida, como nos alerta Lélia González (2011):

O racismo latino-americano é suficientemente sofisticado para manter negros e indígenas na condição de segmentos subordinados no interior das classes mais exploradas, graças a sua forma ideológica mais eficaz: a ideologia do branqueamento (GONZALEZ, 2011, p.15)

Fazendo uma reflexão em cima do que traz Fanon (2008) - em *Pele Negra, Máscaras Brancas* – a respeito da não essencialização racial tanto do negro quanto do branco, mas antes pensando no compartilhamento de

experiências lotados diante da aventura colonial desses dois sujeitos, Amaranta Cesar (2017), afirma:

Em aparente sintonia com essa noção racial não essencialista presente no antológico *Pele negra, máscaras brancas* (2008), mais especificamente no capítulo intitulado ‘A experiência vivida do negro’, em Kbelá, ‘tornar-se negra’ diz respeito à experiência de trilhar um percurso de subjetivação que vai da opressão à emancipação, passando por uma transição. (CESAR, 2017, p.111 e 112)

É relevante pontuar, neste trabalho, que na perspectiva decolonial, refletindo os próprios processos históricos, sociais, econômico e culturais, relacionados à colonização no Brasil - e, com destaque para a constituição da linguagem, do sentido e da representação da negra e do negro - Kbelá é uma produção que se movimenta na contramão de filmografias universalizantes, dissipadoras das subjetividades, via de regra, encontradas nas realizações cinematográficas de origem europeias e/ou hollywoodianas.

Isso porque nesta produção, sobre a qual nos detemos neste artigo, a história contada relata a vivência diária de mulheres negras, do racismo a que estão submetidas, frente aos regimes de embranquecimento, considerando que, de acordo com bell hooks (1995): “O corpo colonizado foi visto como o corpo destituído de vontade, de subjetividade pronto para servir e destituído de voz.” (hooks, 1995), cujos métodos dialogam de



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

forma a silenciar as peculiaridades dos corpos negros em sua diversidade, submetendo essas mulheres a condições de inferioridade em detrimento de uma estética branca.

Vale dizer, então, que *Kbela* enquanto produção fílmica, cuja temática preocupa-se em abordar protagonismos que se pautam na demanda de mulheres negras, lança e se estabelece na cena cinematográfica como uma produção contra-hegemônica diante das realizações fílmicas tidas como dominantes em que significados cristalizam modelos de humanidade a serem seguidos, na representação dos sujeitos sociais, em suas expressões culturais, pois estas realizações padronizadas, vinculam-se e dialogam, ainda, com o caráter imperialista de submissão das populações colonizadas: relegando à marginalização suas manifestações, seus saberes, seus valores e comportamentos.

É possível fazer uma aproximação entre a representação pretendida do cinema negro que se quer protagonista de si e da necessidade dos seus, homens negros e mulheres negras, em relação ao que Bernardino e Grosfoguel(2016) discutem sobre “evitar o paradoxal risco de colonização intelectual da teoria pós-colonial”, pois o cinema enquanto microcosmo dentro de um território colonizado, pensando uma perspectiva decolonial, em que a interpretação de outras experiências diversas, para além de

europas, por exemplo, dialoga com os autores citados no momento em que, fazendo uma releitura de Chakrabarty(2000), apontam:

(...) busca-se não somente provincializar a Europa, mas também toda e qualquer forma de conhecimento que se proponha a universalização, seja o pós-colonialismo seja a própria contribuição decolonial a partir da América Latina. (BERNARDINO e GROSGOQUEL, 2016, p. 16)

Nesse sentido, as subalternizações que pretendem um outro olhar sobre a constituição de seus processos históricos, cultural, social e econômico, precisam afastar-se de qualquer sentido que ao padronizar os comportamentos, criando cartilhas do saber e do fazer, oponham-se em suas produções intelectuais e de ação a tudo aquilo que torna legítima a inferiorização colonizadora, cuja as investidas autorizam práticas de dominação e exploração.

Assim, *Kbela* traz para o debate a problematização de um ideal branco de beleza e de humanidade a partir de conceitos que dialogam com empoderamento, representatividade, autoestima e reconhecimento da mulher negra diante de sua negritude, refletindo desafios que se lançam junto às novas possibilidades de contar seus próprios enredos e vivências. *Kbela*, em sua relevância política, fala também da identidade da mulher negra e as disputas que trava consigo mesma para romper com um ideal de embranquecimento cotidiano.





## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Seguindo esse mesmo raciocínio, e

pensando nas ideologias colonizadoras que suprimem e silenciam as subjetividades de povos colonizados, cujas tradições são estigmatizadas pelo riso jocoso e punitivo do imperialismo aniquilador, Lélia Gonzales diz que essas concepções são, portanto:

Transmitida pelos meios de comunicação de massa e pelos sistemas ideológicos tradicionais, ela reproduz e perpetua a crença de que as classificações e os valores da cultura branca são os únicos, verdadeiros e universais. Uma vez estabelecido, o mito da superioridade branca comprova a sua eficiência e os efeitos de fragmentação da identidade étnica por ele produzido, o desejo de embranquecer, com isso a negação da própria raça e da própria cultura (GONZALES, 2011, p. 13)

Pegando o gancho deixado por Lélia Gonzalez a respeito das imagens e ideologias vinculadas pela mídia de massa, podemos dizer que na produção da diretora Yasmin Thainá, as cenas elencadas são, antes de tudo, rompimentos do silêncio relegado às mulheres negras que, através da denúncia de violência contra seus corpos, expõem por meio das performances como, por exemplo, na cena (Ver figura 1) em que tendo a cabeça separada de seu corpo uma das personagens usa diversos produtos, entre fórmulas caseiras e/ou industrializadas, em seus cabelos na tentativa de alisá-lo.

**Figura 1: Cena do Filme *Kbela*.**



É relevante frisar que a cena em questão deixa nítida a relação de agressão, desprazer e incômodo na expressão de um rosto que tem sua cabeça separada de seu corpo, o que comumente nos remete, num módulo metáfora, à vida real e cotidiana das mulheres negras, que longe de corresponderem ao ideal de beleza dominante, simétrico e cartesiano da branquidade e da brancura, como afirma Sueli Carneiro (2011, p. 6) “fazem parte de um contingente de mulheres que são retratadas como antimusas da sociedade brasileira, porque o modelo estético da mulher é a mulher branca”.

Nesse sentido, enfrentando os modelos pré-estabelecidos e fazendo rupturas na malha hegemônica, *Kbela* chega como (re)pensamento da mulher negra sobre si e sobre sua estética ao denunciar os abusos ideológicos cristalizados pelas representações do belo, através de imagens das mais diversas opressões, cujas amarras impulsionam, em alguma medida, a emancipação desses corpos



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

estereotipados e estigmatizados que fazem da dor, em seus processos de transição, modos de resistência capazes de abalar as estruturas tão fortemente sedimentadas do status quo branco.

**Figura 2: Cena do Filme *Kbela***



### Considerações Finais

É interessante pensar como as teorias decoloniais têm articulado vozes, demandas e pautas de grupos subalternizados na busca por reconhecimento da autonomia intelectual, cultural e de organização social dessas populações, frente às velhas e atualizadas práticas de dominação epistêmica, por parte de países tidos como desenvolvidos que durante a empreitada colonial, puseram sob o jugo da exploração sociedades terceiro mundistas.

Problematizar o lugar epistêmico do negro na sociedade, sufocado pela esteriotipação, dentro de processos de hierarquização racial das culturas, mostra-se oportuno não apenas para refletir a importância de um saber/pensar fronteiriço,

mas também como elemento que rompe com paradigmas do aparelho hegemônico que controla e subalterniza “o outro”.

As ressignificações e re(a)apresentações da pessoa negra, neste caso específico da produção fílmica - o de papéis que lhes foram impostos durante boa parte da história - apontam no cenário da cinematografia outras possibilidades de se ser negra e negro, além da dimensão política que, por sua vez, também se contrapõe às lógicas de supremacia racial, cujo modelo pleno de humanidade é qualquer coisa bem distante da positivação das identidades da negritude.

Assim, este trabalho teve como objetivo refletir em que medida a produção de realizadoras e cineastas negras tem sido a interlocução de uma realização fílmica contemporânea comprometida em contribuir para a disseminação das múltiplas expressões, produzindo signos textuais e visuais capazes de recompor e ressignificar as representações de raça e gênero, bem como os estereótipos atribuídos e relegados às mulheres negras no cinema.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

### Referências

BAIROS, Luiza. Feminismos revisitados. Estudos Feministas, Florianópolis, 2o semestre 1995, pp.458-463.

BALLESTRIN, Susana, 2013. América Latina e o projeto decolonial. Revista Brasileira de Ciência Política, nº11. Brasília, maio – agosto de 2013, pp. 89-117.

CARDOSO, Claudia. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. Estudos Feministas, Florianópolis, 22(3): 320, setembro-dezembro/2014

CARNEIRO, Sueli. 2005. Enegrecer o feminismo. Geledés. <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/#gs.U1PnmqQ>

CESAR, Amaranta. Que lugar para militância no cinema brasileiro? Intepelação, visibilidade e reconhecimento. Revista Eco Pós, 2017.

CRENSHAW, Kimberle. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Estudos Feministas, 1/2002, p. 171-188.

CURIEL, Ochy, 2009. Descolonizando el feminismo: una perspectiva desde america latina y el caribe. Primer Coloquio Latinoamericano sobre Praxis y Pensamiento Feminista, Buenos Aires, Junio 2009.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: Edufba, 2008. Tradução: Renato da Silveira.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo Afro-latino-Americano, Caderno de Formação Política do Círculo Palmarino, 2011.

GROSGOUEL, 2016. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016.

GROSGOUEL, R.; CASTRO GOMES, S. El giro decolonial Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

GROSGOUEL, Ramón; COSTA, Joaze Bernardino 2016. Decolonialidade e perspectiva negra. Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016.

HILL COLLINS, Patricia. Aprendendo com a outsider within\*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. Revista Sociedade e Estado – Volume 31, Número 1, Janeiro/Abril, 2016.

HOOKS, Bel. Mulheres negras moldando a teoria feminista. Revista Brasileira de Ciência Política, nº16. Brasília, janeiro – abril de 2015, pp. 193-210.

MIGNOLO, W. El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura. Un manifiesto. In GROSGOUEL, R. CASTRO GOMES, S. El giro decolonial Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte  
e Nordeste de Estudos e Pesquisas  
sobre Mulher e Relações de Gênero

Universidade Javeriana, Instituto Pensar, 2007,  
p.25-46.

OLIVEIRA, Janaína. Kbelá e Cinzas: o cinema negro no feminino do “Dogma Feijoadá” aos dias de hoje. In: AVANCA CINEMA 2016. Avanca: Edições Cine-clube Avanca, 2016.

QUIJANO, Decolonialidad del poder y clasificación social. In GROSFOGUEL, R.; CASTRO GOMES, S. El giro decolonial Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007 p. 93-126.

STAM, Robert. Introdução à teoria do cinema. Campinas, SP: Papyrus, 2013.

WERNECK, Jurema..De Ialodês y Feministas. Reflexiones sobre la acción política de las mujeres negras en América Latina y El Caribe. <http://glefas.org/de-2004>.